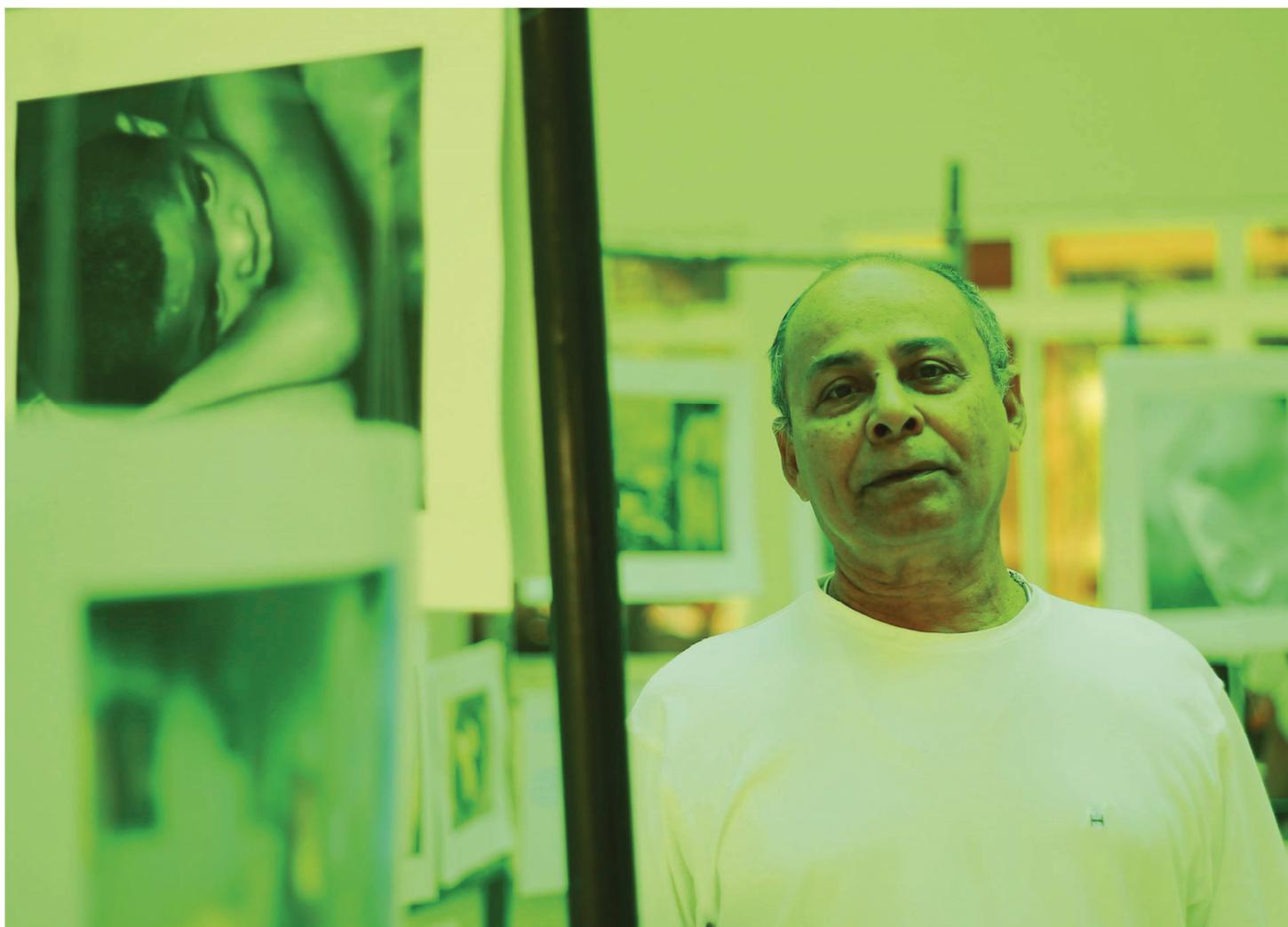


# Mundo de preto em terra de branco

**Victor Rezende**

Estagiário em Mídia e Produção – Editus – UESC  
vrezende\_uesc@hotmail.com



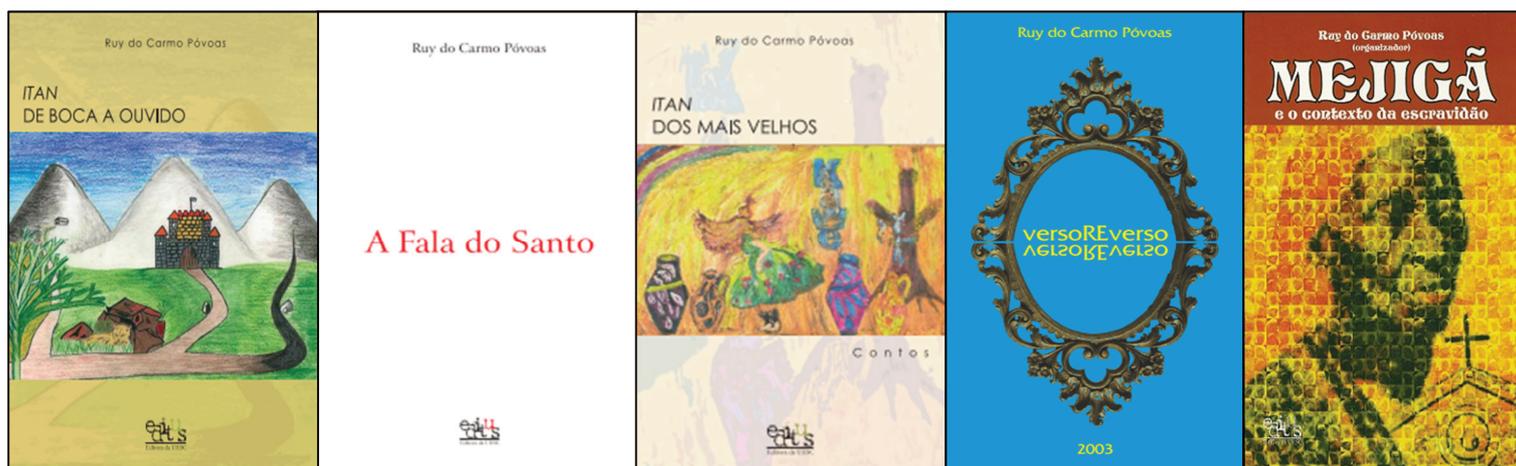
Filho de mãe negra, do candomblé. Filho de pai branco, católico. Do ambiente de mistas representações culturais e religiosas, de um convívio nem sempre amistoso, nasceu um escritor inquieto. Seu desejo, como faz questão de dizer, é o de traduzir. Traduzir o mundo com o qual mais se identificou – o mundo de preto – para a terra de branco. Mostrar o respeito, o conhecimento... suas raízes.

Estamos falando de Ruy do Carmo Póvoas ou, como o chamam habitualmente, Ruy. Professor e pesquisador recém-aposentado da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), de Ilhéus, Bahia, e babalorixá, ele é autor de importantes obras que transmitem e fazem ecoar, de um jeito dinâmico e envolvente, as vozes da cultura africana. É um intérprete da linguagem e dos costumes do seu povo.

### Uma viagem pela realidade e ficção

A literatura sempre esteve presente na vida de Ruy. Foi aprendizado familiar. Mas foi em Itabuna que o grapiúna firmou de vez a sua relação com uma das formas mais legítimas de representação social. Ali formou-se em Letras, mas buscou em Salvador e no Rio de Janeiro estudos específicos da área na qual tem atuado brilhantemente até hoje.

Sua fonte de inspiração é, sobretudo, a oralidade. Sua produção é literária, histórica e cultural. *Itan de boca a ouvido*, *A fala do Santo*, *Itan dos mais velhos*, *Verso(RE)verso* e *Mejigã e o contexto da escravidão* são alguns dos seus livros. Mas ainda tem *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*, *Fazenda de conto*, *fazendo de conta*, *A memória do feminino no candomblé* e outros.



Sua mais recente publicação, *A viagem de Orixalá: estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá*, publicado pela Editus – Editora da UESC, traz esse universo de uma forma ainda mais envolvente. É um misto de realidade e ficção, ou como ele mesmo diz “terreno da imaginação imaginante”. Como em suas outras obras, aqui o escritor trata a cultura africana como forte e diversificada, atravessada por outras culturas e experiências. Cultura plural de existência milenar, perpetuada até os dias atuais.

No livro, um ritual do candomblé é o fio condutor da narrativa. É nele que seus dezesseis personagens tem seus caminhos cruzados com tantos outros, mostrando a possibilidade do indivíduo se encontrar com outras crenças e, assim, trocar conhecimentos, abrindo novos horizontes para novas experiências, seja no real ou no imaginário. É um verdadeiro mergulho nas heranças culturais africanas.

Por meio destas publicações, Ruy pôde expor suas experiências e trazer novos olhares sobre a cultura afro. Mesmo em meio a tantas diferenças, ele tem buscado sempre o diálogo entre as diversas culturas e a desconstrução do preconceito social.

Mas para ele a discussão é tão importante que não deve só ficar nas páginas de um livro. Deve ir para a sala de aula, para as rodas de diálogo, deve virar pesquisa, relato, história... mas acima de tudo diálogo. Diálogo sem barreiras, conversas sobre um mundo de preto em terra de branco, sobre compreender e respeitar.

